

Publicado em 18/07/2013 às 00h30:

Escola de inglês leva crianças a partir dos quatro anos para intercâmbio nos EUA; especialista questiona atividade

Acompanhados por professores, alunos assistem aulas em escolas norte-americanas
Do R7*



Pelo intercâmbio, crianças que já participaram de pelo menos dois anos do curso de inglês no Brasil, acompanhados por uma equipe de professores, ficam hospedadas em um hotel e participam de aulas em uma escola local

Jovens e adolescentes costumam procurar intercâmbios internacionais para aprender uma segunda língua e conhecer outros países e culturas diferentes. Mas já há uma modalidade que leva crianças a partir dos quatro anos para experiências em outros países.

Um exemplo é João Candido; atualmente com oito anos, o menino vai para sua segunda viagem de intercâmbio em Orlando, na Flórida EUA. A primeira experiência aconteceu quando ele tinha apenas cinco anos de idade.

O programa, de um mês, é oferecido pela escola de inglês Dice English Course, do Rio de Janeiro. A auditora tributária e mãe de João, Lelyane Villar Damaceno, conta que confia no trabalho realizado pela instituição, embora confirme que todos com quem ela comentou sobre a ideia antes da viagem do filho foram contra.

— Uma vez comentei com uma ou duas pessoas e todos me acharam maluca, [então] passei a não comentar com mais ninguém. É absurda a rejeição a este tipo de projeto, por mais que você se sinta que ele foi totalmente estruturado, que a criança está absolutamente segura e você tenha todos os meios para estar lá em qualquer eventualidade. As pessoas realmente rejeitam este tipo de coisa, acham um absurdo, [dizem] que ele é muito novo. E eu, particularmente, acho uma experiência muito boa.

leia mais notícias de Educação

João estuda em uma escola alemã. Quando alguém pergunta quantos idiomas ele fala, o menino responde que são quatro ao todo.

— Ele diz que fala inglês, alemão, português e “mineirês”, por causa do meu marido que é mineiro.

O intercâmbio funciona como uma viagem escolar. Crianças que já participaram de pelo menos dois anos do curso de inglês no Brasil, acompanhadas por uma equipe de professores, ficam hospedadas em um hotel e participam de aulas em uma escola local.

Durante o período do intercâmbio, cada criança frequenta a sala de aula de acordo com a sua idade, por isso tem mais contato com crianças americanas durante as aulas do que com os colegas da programação.

Os brasileiros conversam quase todos os dias com a família pela internet. Durante os finais de semana, participam de passeios como o da Disney.

Lelyane, mãe de João, conta que antes da viagem perguntou ao filho se ele não iria sentir saudades.

— Naquela época eu perguntei “João, e se você sentir saudade da mamãe?”, ele virou e me disse: “mamãe, a gente se fala pelo Skype”. Foi a primeira vez que eu levei um susto, uma criança de cinco anos me responder dessa forma. Eu acho que a gente sofre mais do que eles. Porque eles vão e voltam super felizes, completamente diferentes. A gente que se surpreende muito, que sente muita falta.

A mestre em Neurolinguística pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e diretora psicopedagógica do Dice English Course, Eloisa Lima, afirma que o período de amadurecimento da parte do cérebro responsável pela fala nos seres humanos vai até os oito anos de idade.

— Quando você aprende duas ou três línguas ainda nesse período acomoda esses idiomas no mesmo circuito neural. Então não tem o que confundir. Muitas vezes, a criança “pega” uma palavra emprestada da outra língua. Ela usa aquela palavra que ela tem mais intimidade.

Possível sensação de abandono

A psicóloga especialista em atendimento infantil Michele Parola questiona a ideia de enviar para um intercâmbio para fora do país uma criança entre quatro e cinco anos.

— Não acredito que um intercâmbio aos quatro anos tenha algum resultado positivo. Uma criança ser afastada dos pais por meses pode não fazer bem a ela, pois nessa idade ainda não se sabe nomear o que sente, como medo e saudade. Eles podem sofrer uma sensação de abandono.

Para Michele, a iniciativa dos pais que mandam seus filhos para intercâmbios é parte da antecipação cada vez maior do preparo que as crianças são submetidas nos últimos anos.

— Essa iniciativa está relacionada à questão sobre a qual a educação em geral vem passando. Há uma antecipação cada vez maior do preparo das crianças. Trabalhar a autonomia é importante, mas tem que ser trabalhada aos poucos. A criança também precisa do brincar.

Já Eloísa informa que todas as atividades do curso no Brasil e do intercâmbio são lúdicas e não forçam o aprendizado.

— A criança não aprende por repetição, elas odeiam isso. Quando ela vive aquilo [o intercâmbio], fica extasiada.

A mãe Lelyane afirma que o filho volta feliz das viagens, e ficou animado para participar novamente este ano.

— Na primeira viagem, era uma coisa que ele estava se sentindo muito bem e não houve qualquer alteração na rotina dele. Ele aprendeu alemão (na escola), está aprendendo muito bem, não está nervoso nem roendo unha, não está gago nem nada. O João nunca quis deixar o curso, porque é uma forma muito lúdica e explica o tempo todo. Então não vou mudar se está funcionando.

Questionada sobre a importância do curso na vida do filho, Lelyane acredita ser mais válido para a comunicação nos relacionamentos.

— O inglês não é só pelo lado profissional, mas de relacionamento também. Ele vai precisar, o mundo é global, e o inglês não tem jeito é a língua universal e ele vai precisar disso. Hoje mesmo ele já faz muito uso do inglês.

Responsabilidade

A coordenadora conta que a responsabilidade é muito grande, e chega a ser estressante.

— A seriedade na responsabilidade é uma questão primordial. Tem que ter essa coisa muito firme no lidar, para não deixar em nenhum momento descoberto nenhum setor. A criança nunca pode andar atrás da gente, é sempre na frente. Nosso grupo de profissionais tem 12 crianças quatro adultos e eu. Se estamos andando nos corredores do aeroporto, por exemplo, vai uma professora na frente, outra no meio, outra no fim da fila. Todos os professores ao redor da fila. Nunca tem criança para traz. Tem sempre um professor no fim da fila, do grupo. Todos sempre de uniforme. Existe uma preocupação de estarmos homogêneos e juntos.

Movimentação cultural

Eloisa conta que as escolas gostam da chegada das crianças brasileiras, pois levam novos conhecimentos sobre uma cultura diferente da deles.

— É uma movimentação cultural muito grande. Além da presença das crianças nas salas, a gente leva muita informação daqui. Fazemos exposições sobre o folclore brasileiro, levamos muitos filmes daqui, muitas peculiaridades brasileiras, [há] todo um contexto cultural que usamos para levar a cultura daqui, desenvolvemos um assunto de interesse deles e o nosso aluno que explica isso na sala deles e a turma faz perguntas.

Incluindo passeios, hospedagem e alimentação, o intercâmbio custa R\$ 8.500.

**Colaborou Jéssica Rodrigues, estagiária do R7*